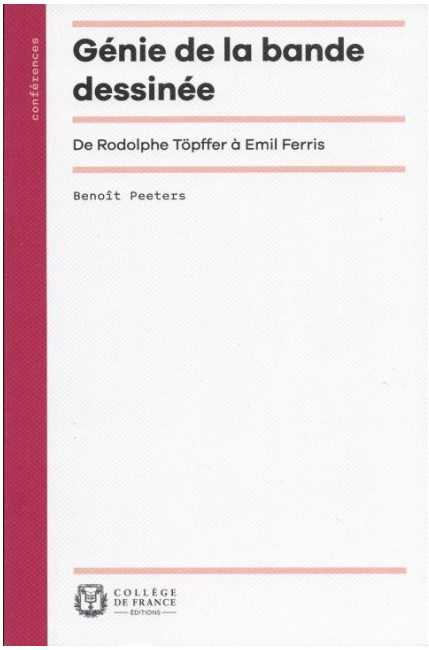
O pai da arte sequencial[1]

Roberto Elísio dos Santos[2]

10.11606/2316-9877.2025.v13.e239363



Algumas questões dividem os estudiosos de histórias em quadrinhos: qual foi a primeira história e quem foi o pioneiro desta forma de arte sequencial? Para o pesquisador e roteirista francês Benoît Peeters, as respostas a estas dúvidas convergem aos trabalhos realizados pelo professor, escritor e desenhista suíço Rudolph Töpffer na primeira metade do século XIX.

Em seu livro aqui resenhado – que transcreve as palestras proferidas em 2020 com o apoio do Centro Nacional do Livro, no âmbito do Ano das Histórias em Quadrinhos do Collège de France –, Peeters identifica que o ponto inicial

[1] Resenha do livro *Génie de la bande dessinée*: de Rudolphe Töpffer à Emil Ferris. O livro, em processo de publicação no Brasil pela editora QS Comics, tem lançamento previsto para ocorrer durante as 9as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, em agosto de 2025.

[2] Jornalista. Professor aposentado do Programa de Pós-graduação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Livre docente em Comunicação pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CJE/ECA-USP). Vice coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP. Email: roberto.elisio@yahoo.com.br. ORCIDiD: https://orcid.org/0000-0002-0431-6788.

teria acontecido em 1820, quando Töpffer saiu de Genebra para estudar arte em Paris. Esta visão é compartilhada pelos artistas (Wolinski, Art Spiegelman) e pelos teóricos Thierry Groensteen e David Kunzle. No entanto, uma doença ocular impediu-o de se dedicar à pintura, o que "o levaria a combinar vários de seus talentos: a escrita, a caricatura, a narrativa e a encenação" (Peeters, 2022, p. 11, tradução nossa[3]). Do que poderia ser considerado uma deficiência, surgiria uma nova forma de narrativa em imagens, com textos caligrafados e desenhos feitos a pena.

Embora Peeters admita que sua postura gera objeções, ele defende que:

> A invenção da história em quadrinhos não é tecnológica. Ninguém poderia tê-la patenteado, como aconteceu com o daguerreótipo em 1839, após muita turbulência. É claro que a história em quadrinhos passou por muitas prefigurações. É possível encontrar - e não se tem poupado - pré-histórias em quadrinhos, proto-histórias em quadrinhos e para-histórias em quadrinhos em inúmeras tradições de imagens narrativas, da caverna de Lascaux às sequências gravadas de William Hogarth, passando pela Coluna de Trajano e a Tapeçaria de Bayeux. No entanto, tentarei mostrar que há muitas razões para acreditar que existe um momento Töpffer, um evento Töpffer verdadeiramente singular (Peeters, 2022, p. 12, tradução nossa[4]).

Defensor da "pedagogia ativa" (Peeters, 2022, p. 12, tradução nossa[5]), começou a escrever e desenhar, não sem deixar de utilizar o humor, um livro "cuidadosamente caligrafado é acompanhado de desenhos feitos com a mesma caneta" (Peeters, 2022, p. 12, tradução nossa[6]). Em seguida, "Töpffer inverteu o processo: em cadernos destinados a seus alunos e alguns amigos, começou a contar histórias em imagens" (Peeters, 2022, p. 12, tradução nossa[7]). A primeira,

---

[3] (...) va le conduire à rassembler plusieurs de ses talents : celui d'écrire, celui de caricaturer, celui de raconter des histoires et de les mettre en scène.

[4] L'invention de la bande dessinée n'est pas d'ordre technologique. Nul n'aurait pu la breveter, comme cela se fera pour le daguerréotype, en 1839, après bien des turbulences. Bien sûr, la bande dessinée a connu de nombreuses préfigurations. On peut trouver — on ne s'en est d'ailleurs pas privé — de la pré-bande dessinée, de la proto-bande dessinée, de la para-bande dessinée dans d'innombrables traditions d'images narratives, de la grotte de Lascaux aux séquences gravées de William Hogarth, en passant par la colonne Trajane et la tapisserie de Bayeux. Pourtant, je vais tenter de montrer qu'il y a bien des raisons de penser qu'il existe un moment Töpffer, un événement Töpffer tout à fait singulier.

[5] pédagogie active.

[6] soigneusement calligraphié, s'accompagne de dessins tracés avec la même plume.

[7] Et bientôt, s'enhardissant, Töpffer renverse le procédé : dans des carnets destinés à ses élèves et à quelques amis, il se met à raconter des histoires en images.

Les Amours de M. Vieux Bois, foi iniciada em 1826. Seguiram-*se Le Docteur Festus*, *M. Cryptogame*, *M. Jabot* e *M. Pencil*. Foi a partir da admiração do escritor alemão Goethe por suas "histoires bouffonnes" que decidiu publicá-las em formato de livro a partir de 1833. Segundo Peeters (2022, p.15), estas publicações prenunciaram o cinematógrafo.

Além disso, em seu "*Essai de physiognomonie*", Töpffer distingue entre traços permanentes e não permanentes, mostrando todos os ângulos possíveis dos personagens para que os leitores os reconhecessem em cada imagem. O estudioso afirma que, com "Töpffer e seus primeiros imitadores, os quadrinhos inicialmente tomaram a forma de pequenos álbuns horizontais, mas foi na versão impressa que eles se desenvolveram ao longo do século XIX, com uma riqueza e diversidade que por muito tempo foram negligenciadas" (Peeters, 2022, p. 18, tradução nossa[8]).

Um dos pontos tratados por Peeters diz respeito aos balões de fala. Para ele (Peeters, 2022, p. 26, tradução nossa[9]), é "preciso dizer claramente: o balão de fala, embora não desdenhe nem minimize seu papel, não é suficiente para definir os quadrinhos". E sua ausência não exclui autores que não o utilizam. Ademais, complementa o autor, eles existiam muito antes das histórias em quadrinhos. Ao longo do texto, o autor aborda outros elementos presentes nas narrativas sequenciais, como as metamorfoses dos personagens e cenários, a prancha (página) como espaço-temporalidade, as elipses etc., traçando um contínuo histórico desde as narrativas de Töpffer a *La Famille Fenouillard*, Yellow Kid, Winsor McCay, *Gasoline Alley*, Hergé, até criações recentes, a exemplo dos trabalhos de Art Spiegelman (*À sombra das torres ausentes*), David Mazzucchelli (*Asterios Polyp*), Chris Ware (*Rusty Brown*), Richard McGuire (*Aqui*) e Emil Ferris (*Minha coisa favorita é monstro*), entre outros artistas, obras e personagens.

O último tópico do livro busca uma possível definição de histórias em quadrinhos, o que é difícil de se conseguir. O lembra que Töpffer: "falava de *M. Jabot* como um pequeno livro de natureza mista, unindo inseparavelmente

[8] Avec Töpffer et ses premiers imitateurs, la bande dessinée a d'abord pris la forme de petits albums horizontaux, mais c'est dans la presse qu'elle se développe tout au long du XIXe siècle, avec une richesse et une diversité longtemps méconnues.
[9] Il faut le dire clairement : le phylactère, s'il ne s'agit ni de le dédaigner ni de minimiser son rôle, ne suffit pas à définir la bande dessinée. Et son absence ne permet pas d'écarter les auteurs qui n'y ont pas recours.

desenhos e texto" (Peeters, 2022, p. 50, tradução nossa[10]). Mas observa que "essa definição levaria à exclusão de quadrinhos notáveis, principalmente porque são silenciosos" (Peeters, 2022, p. 51, tradução nossa[11]). E argumenta que:

> (...) digo a mim mesmo que nossas tentativas de definição só podem se expandir à medida que a nona arte continua a se metamorfosear. Sim, os quadrinhos oferecem uma série de desenhos, quase sempre impressos, geralmente acompanhados de texto, na maioria das vezes inseridos em balões de fala. Sim, com ou sem herói, conta uma história, cômica ou séria, simples ou sofisticada, em preto e branco ou em cores, em poucos quadros ou em uma longa narrativa. Mas a genialidade dos quadrinhos reside na constante transgressão de seus limites. (...)
> Estou, portanto, convencido de que, mesmo que os quadrinhos não sejam mais produzidos exclusivamente em papel, mesmo que estejam se expandindo para outras mídias, sejam elas de parede ou digitais, algo nesse meio pode manter sua relevância. Enquanto os quadrinhos não abandonarem suas qualidades únicas, eles têm um futuro brilhante pela frente (Peters, 2022, p. 51-52, tradução nossa[12]).

Peeters encerra seu livro citando novamente Töpffer: "Quanto à Caricatura, ou melhor, histórias impressas como as experimentei, acredito que ainda seja um gênero muito novo, onde há uma quantidade prodigiosa para colher" (Peters, 2022, p. 52, tradução nossa[13]).

---

[10] parlait de M. Jabot comme d'un petit livre d'une nature mixte, unissant indissociablement les dessins et le texte.

[11] cette définition conduirait à exclure de remarquables bandes dessinées notamment parce qu'elles sont muettes.

[12] je me dis que nos tentatives de définition ne peuvent que s'élargir à mesure que le neuvième art continue de se métamorphoser. Oui, la bande dessinée proposeune suite de dessins, presque toujours imprimés, généralement accom pagnés de textes, qui s'inscrivent la plupart du temps dans des bulles. Oui, avec ou sans héros, elle raconte une histoire, comique ou sérieuse, simple ou sophistiquée, en noir et blanc ou en couleurs, en quelques cases ou en un récit-fleuve. Mais le génie de la bande dessinée tient à la transgression permanente de ses limites. (...)
Je suis donc persuadé que même si la bande dessinée ne se réa lise plus seulement sur papier, même si elle se développe sur d'autres supports, muraux ou informatiques, quelque chose du médium peut conserver sa pertinence. Tant que la bande dessinée n'abdique pas de ce qu'elle a d'unique, elle a de beaux jours devant elle.

[13] "Pour ce qui est de la Caricature, ou plutôt des histoires en estampes telles que je les ai essayées, j'estime que c'est un genre encore bien nouveau où il y a prodigieusement à moissonner".

Referência

PEETERS, Benoît. *Génie de la bande dessinée*: de Rodolphe Töpffer à Emil Ferris. Paris: Collège de France, 2022. Disponível em: https://books.openedition.org/cdf/14225. Acesso em: 18 jul. 2025.

Recebido em: 18.07.2025.

Publicado em: 18.07.2025.

Artigo está licenciado sob forma de uma licença

Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional